

## TROPA OSÓRIO (CANOAS, RS, 1926-1948): REGISTROS DE PRODUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CIDADÃ A PARTIR DO ESCOTISMO

Mireile Steiner de Sousa <sup>23</sup>

Cleusa Maria Gomes Graebin <sup>24</sup>

A partir de 2016, uma das autoras desde trabalho teve contato com um arquivo pessoal – o de Thiago Matheus Würth<sup>25</sup> (1893-1979), doravante Thiago Würth —, professor, intelectual, memorialista, que junto com sua esposa Johanna Würth, foram pioneiros na inclusão de crianças e jovens com deficiências<sup>26</sup>, no Rio Grande do Sul. O acervo é custodiado pela família na antiga moradia de Thiago e de Johanna, tombada como patrimônio cultural de Canoas.

O acervo abrange, entre outros documentos, teses, artigos, traduções, conferências, imagens fotográficas e diversos escritos não publicados, intitulados por “Memórias”. Estes têm como ponto de partida, experiências vividas pelo professor, indicando lugares, fatos históricos e considerações sobre o grupo social ao qual pertencia. Entre os milhares de documentos, encontrou-se o Diário da Tropa Osório, no qual Thiago Würth relata o início da Tropa Osório em 1927.

Após proceder-se a higienização, organização em Fundo Documental e catalogação dos documentos do Arquivo Pessoal, passou-se à exploração deste, iniciando com um estudo sobre o Diário da Tropa Osório, refletindo sobre o movimento escoteiro e a educação no Brasil, percorrendo seu início em Canoas, no período entreguerras, a presença de militares na orientação do escotismo, a escolarização do movimento em 1936, a sua incorporação à Juventude Brasileira em 1939 e a apropriação do escotismo pelo Estado, em função de um projeto de nação.

Para este estudo concorreram aportes de Hall que identifica uma cultura nacional como:

[...] um discurso [...]; é uma forma de criar orientações que podem inspirar e planejar as ações individuais, bem como o entendimento que o homem tem de si próprio. [...] ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar [...], constrói identidades; “Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (2006, p. 31).

Nascimento (2008) discute hipóteses diferenciadas sobre o escotismo no Brasil e advoga ser necessária a produção de estudos para além de uma história do escotismo, ou seja, a de seus atores, das sociabilidades promovidas pela prática escoteira, associando o escotismo à militarização da infância

---

23 Doutoranda e mestre em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle). Bacharel em Direito (Unisinos). Advogada. E-mail: <mireile.sousa0515@unilasalle.edu.br>

24 Doutora e mestre em História (Unisinos). Professora e coordenadora do PPG em Memória Social e Bens Culturais, professora dos cursos de História e Pedagogia da Unilasalle. Coordenadora do Museu Histórico La Salle; líder do Grupo de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade; editora da Mauseion Revista Eletrônica. Orientadora de mestrado e doutorado. E-mail: <cleusa.graebin@unilasalle.edu.br>

25 Thiago Würth nasceu em Kaiserslautern, Alemanha, em 28 de fevereiro de 1893. Passou os primeiros anos de sua vida em Lyon, Genebra, Paris frequentando a Escola Comunal das Battignolles e College Chaptal. Em 1909, concluiu seu curso de magistério, com os irmãos maristas. Casou com Johanna Thoma Würth em 1917, vindo para o Brasil em 1919. Em 1926, fundou o Instituto Pestalozzi, instituição pioneira no Brasil, em educação especial, na cidade de Porto Alegre, transferindo-se para Canoas no ano seguinte.

26 Em 03 de fevereiro de 1927. Thiago e Johanna iniciaram o primeiro Internato de Canoas, Escola-lar, com oito alunos. A sessão de instalação da *Sociedade Pedagógica Pestalozzi* deu-se em 28 de junho 1928 com a finalidade de intermediar as negociações com os poderes públicos e financiar o empreendimento escolar.

e da juventude e ao ideário fascista, bem como aqueles que compreendem o movimento como uma Pedagogia, unindo a proposta de Baden-Powell (seu fundador) com a formação moral proposta pelos estudos de Psicologia de Stanley Hall. Ao revisar as produções sobre o escotismo, Nascimento chama a atenção para:

[...] a dimensão mais importante do Escotismo: a de ser o movimento fundado pelo lord Baden-Powell uma Pedagogia Ativa, inserida no contexto das reformas educacionais que embalsamaram diferentes países europeus [Escola Ativa] e americanos [Escola Nova] durante as primeiras décadas do século XX (2008, p. 19).

Isto posto, buscou-se produções acadêmicas sobre o movimento escoteiro no Rio Grande do Sul, constatando-se que são raros os estudos produzidos sobre o tema. Destaca-se a obra de Evelize Amgarten Quitzau (2019), denominada “Associativismo Ginástico e escotismo no Rio Grande do Sul”. Nesta, a autora coloca a gênese do movimento escoteiro nas associações teuto-rio-grandenses, criadas para a formação física, moral e intelectual de seus associados, notadamente os jovens, e para a preservação da cultura alemã no Brasil, adotando o escotismo a partir de 1913.

Outra pesquisa relevante que resultou no texto “Nos rastros da memória de um Mestre de Ginástica”, é a de Janice Zarpellon Mazo e Vanessa Ballani Lyra (2010), que traz aportes sobre Georg Black, introdutor da Educação Física e dos esportes no Rio Grande do Sul, criando o primeiro grupo de escoteiro no Brasil, em 1913, na Turnerbund, atual Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), criada em 1867.

Constatou-se que pesquisas sobre escotismo no Rio Grande do Sul são ainda incipientes, talvez, em virtude das dificuldades de encontrar acervos organizados disponíveis para consulta. Neste sentido, ressalta-se a relevância da documentação reunida por Thiago Würth, não só sobre a Tropa Osório, como também sobre o escotismo no Brasil, permitindo dar visibilidade a vestígios da sua constituição no estado e no país.

A seguir, trazem-se notas de pesquisa realizada a partir do Diário da Tropa Osório.

### **O Diário da Tropa Osório – Notas de pesquisa**

O Diário inclui vários documentos, como artigos de jornais, matérias publicadas na Revista “O Escoteiro”, números 1 a 4; relatórios das atividades escoteiras; excursões; redações, cantos e poesias; cópia datilografada da Revista “O Escoteiro”, edição número 5; estruturas técnicas; correspondências; obras bibliográficas; fotografias, documentos escoteiros do período de 1938 até 1945; diário de ouro de escoteiro.

Diversos recortes dos jornais “O Radical”, “Lobinho”, “A tarde”, “Correio do Povo”, “Jornal da Noite”, “Jornal do Brasil” mencionam as atividades escoteiras, entre várias manchetes. Da leitura de alguns dos documentos é possível extrair relatos de Würth, sobre o início modesto da Tropa Osório em 1927 e as suas diferentes atividades: o excursionismo, medições de plantas, execução de mapas, as excursões realizadas a pé, as atividades de natação nos acampamentos e o desenvolvimento do espírito exploratório.

A Tropa Osório tinha a participação ativa em festas regionais, celebrações cívicas promovendo integração escoteira com outras tropas e as comunidades locais. Entre estas, tem-se a solenidade que ocorreu na Praça da Bandeira, na cidade de Canoas em 1938, seguida pela confraternização no Instituto Pestalozzi, instituição para atendimento de crianças especiais no Brasil, fundada pelo Thiago Würth, em 1926, na cidade de Canoas/RS.

Destaca-se o encontro, em 1938, denominado Caravana da Juventude Brasileira, conforme relato de Thiago WÜRTH (1938):

Chefiada pelo Major Rolim e Capitão Emanuel, representada por sete estados brasileiros, com as presenças de Dará Vignoli, Emanuel do Paraná, do criador do Escotismo do AR, Major Vidal, Newton Guimarães, pai do escotismo do Paraná, Floriano de Paulo, alma do escotismo de Minas, o chefe dos mártires do escotismo, Skinner e o grande veterano carioca, o Eduardo (Diário Tropa Osório, n.p.).

Thiago Würth, animado pela receptividade do governo ao movimento escotista editou através do Instituto Pestalozzi, Porto Alegre sua obra “Juventude Brasileira” em 1938.

Acredita-se que este encontro está relacionado com projeto apoiado pelo então Ministro da Justiça, Francisco Campos, apresentado em 1938, promovendo a criação da Organização Nacional da Juventude. Conforme informações do CEPDOC este previa “[...] que todas as instituições de educação cívica, moral e física existentes no país deveriam se incorporar e subordinar à organização, que dessa forma já nasceria com grande potencial mobilizador”. Entre essas estavam as organizações de escoteiros. O projeto foi combatido internamente, no governo, sendo reformulado com aportes do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, que retirou seu caráter paramilitar, imprimindo-lhe caráter cívico, cultuando os símbolos nacionais. Deste movimento, surgiu a Juventude Brasileira em março de 1940, a qual não teve grande expressão, pois o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial em 1942, ao lado dos aliados. A Juventude brasileira foi extinta em agosto de 1945.

Em 1939 é realizado um Ajuri Nacional na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, com a presença do Presidente da República. Este foi relatado em 29 páginas, com as vivências da Tropa Osório e dos demais escoteiros do Rio Grande do Sul, lembrando o que Thiago Würth denominou como “a grande e inesquecível aventura”. Na Figura 1, a imagem fotográfica registrou os meninos da Tropa Osório, na Quinta da Boa Vista. Quanto a este evento, Würth relata:

A caravana foi pois organizada como segue: Comando: Os dois Vice-Presidentes: Alfredo Mariante e Prof. Thiago M. Würth e Comissário adjunto Prof. Ovidio Sicoli, por revezamento. Auxiliares: 2 médicos: Dr. Ayrton Py e Rui Alencastro, 1 Prof. De Música: Erich Meier e 1 almoxarife: Osvaldo Brück. 8 Chefes: Guilherme Militz, da Tropa Cayrú; Prof. Hugo Muxfeld da Tropa de Alegrete, Armando Würth da Tropa Osório; Arnaldo Waslavoski da tropa Niederauer; Alfredo Thiele da Tropa Tobias Barreto; Werner Hofmann da tropa Guia Lopes; Sebastião Perez da Tropa Charruas e Isac Bauler da tropa Panteras; 108 Escoteiros dos quais: 15 da tropa “Cayrú” do Ginásio das Dores; 5 da tropa “Osvaldo Aranha” de Alegrete; 18 da tropa “Osório” do Instituto Pestalozzi; 12 da tropa “Niederauer” do Turner Bund; 18 da tropa “Tobias Barreto” da Juventude Evangélica; 22 da tropa “Guia Lopes” dos Colégios Públicos; 10 da tropa “Charruas” do Ginásio Cruzeiros do Sul; 8 da tropa “Panteras”. Ao todo 120 pessoas. Já no Rio vieram se apresentar mais 3 gaúchos de Passo Fundo, que seguiram por terra, incorporados aos escoteiros de Santa Catarina

Segundo Sanson (2014), o escotismo refletia práticas de instrução cívica e patriótica. Como Baden Powell, o fundador do movimento, os nacionalistas brasileiros acreditavam na eficácia de produzir uma cidadania responsável, preparada para enfrentar as adversidades, consciente de seus deveres para com a pátria.

Figura 1 – Tropa Osório I AJURI, Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista (1939)



Fonte: Arquivo Pessoal Thiago Würth.

Desde 1936, o Estado brasileiro, com a publicação da Lei 342, havia instituído o escotismo nas escolas primárias e secundárias brasileiras:

Art. 1º A teoria e a pratica do escotismo constituirão materia dos programmas de ensino nas escolas primarias, secundarias, profissionaes e normaes do paiz, em conformidade com o competente regulamento, que o Poder Executivo deverá expedir, opportunamente, pelo Ministerio da Educação e Saude Publica. Paragraho unico. O regulamento fixará a orientação e extensão dos respectivos programmas, a fim de que o escotismo alcance a alta finalidade de aprimorar o desenvolvimento physico e moral das futuras gerações brasileiras, para a intransigente defesa da Patria e pureza do regime democratico.

Art. 2º O Poder Executivo poderá contractar instructores escoteiros e celebrar entendimentos, que julgar necessarios, com a União dos Escoteiros do Brasil, para a execução do ensino do escotismo nos estabelecimentos onde devem ser creados os “grupos de escoteiros”, na fórmula prescripta pelo respectivo regulamento.

Em 1939, no I AJURIS, em seu discurso no evento, o Presidente Getúlio Vargas traça um modelo para a Juventude Brasileira, que foi criada em 1940, chamando a atenção para as “virtudes” do escotismo.

Em breve, toda a juventude brasileira será chamada a incorporar-se numa poderosa organização nacional, que se erguerá, como uma flama abrazada pelo patriotismo, para realizar um grande ideal. A vossa experiência e treinamento constituirão valiosa e decisiva contribuição para pôr em marcha, vitoriosamente, esse empolgante movimento cívico. Podereis, assim, mostrar que o Brasil está sempre presente na vossa existência de escoteiros; que ao seu serviço destinais o vigor dos músculos, adquirido na ginástica e nas prolongadas marchas; que à sua elevação moral consagrais o aperfeiçoamento do caráter, apurando os ensinamentos dos mestres e a vontade de



ser útil; o conhecimento do seu território, através das constantes entradas pelos sertões; a clareza de inteligência e compreensão, aprendida na vida simples, voltada ao trabalho (ESCOTEIRO DO MAR. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Escoteiros do Mar, nº XIX, julho e agosto de 1939, ano IV)

Figura 2 - I AJURI Nacional, Rio de Janeiro, 17 à 26 de junho de 1939. Discurso do Presidente Getúlio Vargas, na Quinta da Boa Vista (18/07/1939).



Fonte: Arquivo Pessoal Thiago Würth.

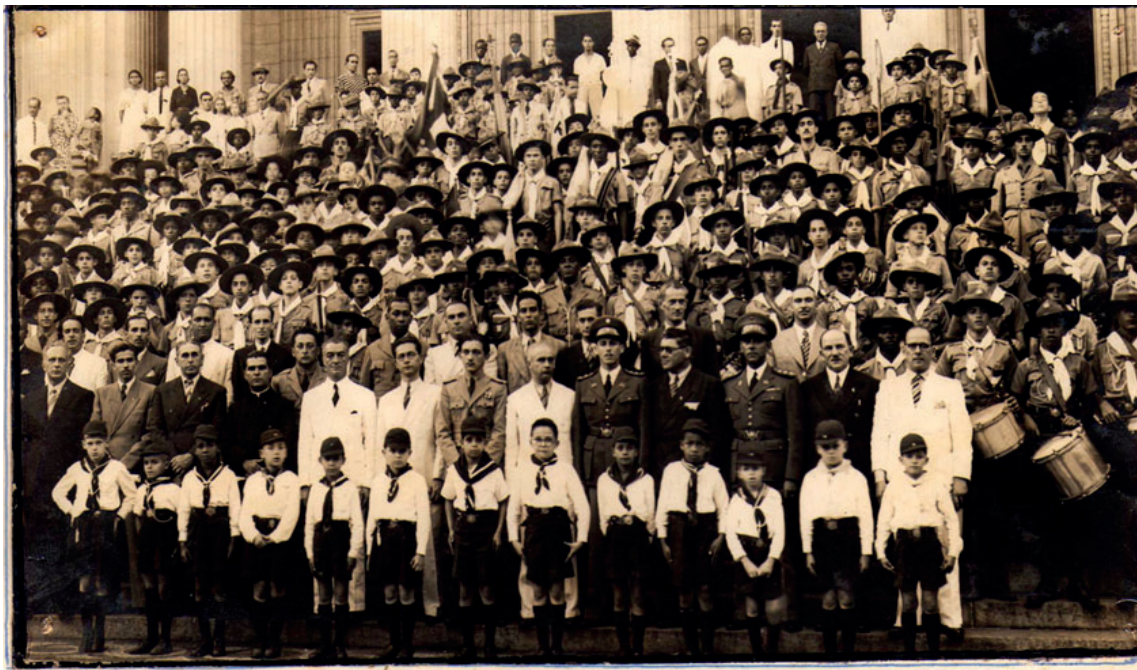
No seu bojo, a fala presidencial descreve o “homem” necessário para o desenvolvimento do então “Estado Novo” brasileiro, tendo repercussão em diversos periódicos voltados para o escotismo.

As matérias dos jornais do Evento AJURI, no acervo Thiago Würth, mobilizaram em única voz a incorporação da juventude brasileira numa poderosa organização nacional conforme discurso e presença do Presidente da República, do Ministro da Guerra, chefes do Estado Maior do Exército e altas patentes militares. Algumas das manchetes: o Radical (20/06/1939): Uma Esplendida demonstração de patriotismo; o Radical (02/08/1939): O escotismo é a escola ideal para infância.

Os promotores do evento tiveram recepção oficial no Palácio Tiradentes, quando foram recepcionados pela alta cúpula do Executivo, Legislativo e Judiciário. Thiago Würth guardou a imagem que chegou até os nossos dias, a partir do seu Arquivo pessoal (Figura 3).

**Figura 3 - Recepção dos Promotores do I Ajuri Nacional no Palácio Tiradentes, Rio de Janeiro (1939).**

Grupo Geral, nas escadarias do Palácio da Câmara de Deputados. (Primeira fileira de Chefes Escoteiros da esquerda para direita: David Barros – O Escoteiro de duas Pátrias Unidas Portugal-Brasil, Thiago Würth, Chefe Escoteiro RGS, Inácio de Freitas Rollim, Floriano de Paula Secretario de Educação de Minas e Escotista, Tenente Bethtem do movimento internacional e 7 Chefes de outros estados e no fim da linha o Belmonte, Chefe do Escotismo do Circuito Operário do RGS.



Fonte: Arquivo Pessoal Thiago Würth.

Em março de 1940, foi publicado o Decreto-Lei 2.072, de criação da Juventude Brasileira. Ainda que não se referisse diretamente ao escotismo, o tipo de educação cívica, moral e física prevista na Lei, foi muito próxima daquilo que era praticado no Movimento Escoteiro. Thiago Würth ressalta isto, transcrevendo o artigo 13: “A Juventude Brasileira buscará atingir as suas finalidades especialmente por processos de educação ativa, realizando formaturas solenidades demonstrações, trabalhos, exercícios, excursões, viagens e divertimentos”. Transcreve-se, a seguir, documento encontrado no Arquivo Pessoal Thiago Würth:

A União dos Escoteiros do Brasil, tendo em vista que a patrióticas e altruísticas finalidades do Escotismo se enquadram bem nos alevantados fins da “Juventude Brasileira”, querendo trazer a sua cooperação representada por vinte e seis anos de existência, toda dedicada ao preparo das gerações de amanhã, e por algumas dezenas de milhares de escoteiros espalhados por todo o território nacional, e desejando exclusivamente bem servir ao Brasil – seu supremo e precípua anseio – não podia ficar alheia a grandiosa obra do Governo da Republica, em prol da juventude.

Recebi por S. Exa. o Ministro da Educação, Dr. Gustavo Capanema, a União dos Escoteiros do Brasil encontrou o melhor e mais animado apoio, pois que a Causa Escoteira já se impôs e goza das maiorias simpatias, tendo ficado assentada e incorporação da União dos Escoteiros do Brasil, com todas as suas entidades escoteiras filiadas, à “Juventude Brasileira” por Decreto-Lei especial n. 2.310 de 14 de junho de 1940. E para que a ação do Escotismo tivesse a plenitude e largueza que se tornam necessárias para atingir seus grandiosos resultados, o Movimento Escoteiro manterá a sua própria organização de acordo com seus estatutos, que serão aprovados por Decreto do Presidente da República. (Arquivo Pessoal Thiago Würth, 1940? np)

Não obstante a euforia de Thiago Würth com os rumos da formação de crianças e jovens e a forte

presenta dos valores e ideais escotistas, a Constituição de 1937 introduziu uma “campanha de nacionalização” que visava ao caldeamento de todos a imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade.

A fim de diminuir a influência e a forte resistência à assimilação por parte das comunidades de imigrantes, o governo, em 1938, criou a Lei da Nacionalização, através do Decreto-lei nº 868, embasado no Decreto Federal nº 406, de 04 de maio de 1938, que forçava a adaptação dos estrangeiros à cultura nacional, o que seria feito a partir da aprendizagem e uso exclusivo do idioma nacional.

Importante lembrar os estudos de Seyferth informando que a “partir de 1939 a política de abasileiramento recrudescceu, tornando a assimilação impositiva. Outros decretos viriam a restringir o ingresso de novos imigrantes no Brasil, a fim de consolidar o projeto de nacionalização vigente” (1997, on-line).

As concepções de nacionalidade que alicerçaram as identidades étnicas formalizadas por diversos grupos de imigrantes, colidiram com o princípio do “abasileiramento”. De acordo com HOBBSAWM (1990) o nacionalismo conseguiu espaço de forma rápida, e, em sua consequência decorreram tanto as mudanças políticas quanto sociais, “isso, sem mencionar uma situação internacional que fornecia abundantes desculpas para pendurar manifestos de hostilidade a estrangeiros” (Hobsbawm, 1990, p. 132).

Em 22 de agosto de 1942, o Brasil declarou guerra ao Eixo, entrando definitivamente na Segunda Guerra Mundial. Para PERAZZO (2008), a manutenção dos fortes laços culturais das comunidades teutônicas e o intento assimilatório do governo, tidos como “enquistamentos étnicos”, e os descendentes dos países “Eixistas” foram identificados como ameaça do “Mito do Perigo Alemão”. O impacto mundial da guerra aflorou a “lógica da desconfiança” e os imigrantes “Eixistas” foram reprimidos pela população “nacional”, muitas vezes com o aval do governo.

O que, certamente Thiago Würth, não esperava, foi anunciado pelo general Heitor Augusto Borges, presidente da União Escoteiros do Brasil-UEB, distribuindo instruções que deveriam ser rigorosamente executadas, para colaboração da defesa nacional. No Arquivo Pessoal, uma matéria da Folha da Tarde de 31/08/1942, trazia disposições para as Tropas Escoteiras conforme segue: Para evitar indecisões e mal-entendidos e aumentar a coesão do Escotismo Nacional a União dos Escoteiros Brasileiros resolveu declarar inativos os chefes dirigentes, pioneiros, escoteiros e lobinhos, nascidos nos países do Eixo ou descendentes em primeiro grau dos naturais destas nações, mesmo que naturalizados.

Em resposta a circular da UEB, Thiago Würth, chefe escoteiro, brasileiro naturalizado em 1924, faz as considerações atinentes a sua inatividade e de seus filhos, descendentes de alemães, brasileiros natos. A dedicação ao escotismo por mais de três décadas na esfera estadual e nacional, não foi motivo de exceção à regra. Conforme diário da Tropa Osório, relata que o *Escotismo foi assassinado* e, portanto, escoteiros imigrantes do Eixo, independente da idade, adultos ou crianças deveriam afastar-se do movimento, precedendo o isolamento em função da etnia e convívio social. Nas contrarrazões pondera que dois de seus filhos deveriam apresentar-se para representar o Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas não poderiam mais ser escoteiros. Apontava a incongruência em decretos incluindo os imigrantes para o front e excluindo-os do escotismo.

O Escotismo sofreu consequências com o advento da Segunda Guerra Mundial e aos brasileiros naturalizados e descendentes alemães, italianos e japoneses assolados pelo discurso nacionalista passaram por uma educação voltada à valorização do civismo e do patriotismo, orientada pela segurança nacional e regime de exceção em estado de guerra.



## A última página do Diário da Tropa Osório - Depois, o silêncio...

As reminiscências do Chefe escoteiro Würth sobre as atividades da Tropa Osório, escritas no Diário remetem à Maurice Halbwachs sobre o quê mantém as pessoas unidas em grupos, tendo as lembranças em comum, como importante elemento de coesão, originando a noção da existência de uma memória coletiva. A estabilidade desta está diretamente vinculada à subsistência do grupo. Na hipótese deste dissolver-se, o indivíduo desintegra parte das lembranças que o identifica com o grupo.

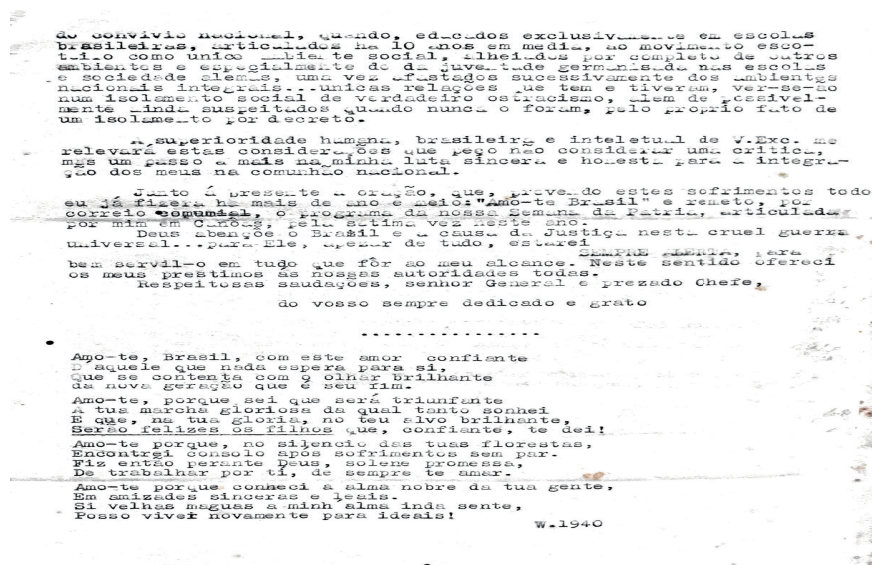
A alteração de um contexto político pode contribuir para o apagamento de determinadas lembranças, pois a força imanente de permanência e interação só existe dentro de grupos sociais. A continuidade dos grupos de escoteiro, nos estados brasileiros com forte presença de imigrantes e descendentes foi atingida pela Segunda Guerra Mundial, com a norma legal brasileira, determinando que os filhos natos de pais estrangeiros (mesmo naturalizados) estavam proibidos de participar do movimento. O grupo escoteiro Tropa Osório, como outros tantos, tiveram suas atividades extintas, fato este, que autorizou por decretos e leis, a cisão do movimento em detrimento da etnia dos participantes de chefes e escoteiros. A ação governamental indica que a Tropa Osório e os alunos do Instituto Pestalozzi assumem o perfil de contra recordação e seus grupos são considerados ilegítimos para integrarem o movimento escoteiro.

A última frase do Diário da Tropa Escoteira — *O Escotismo foi assassinado dia 19/08/1942* —, provoca aflição, e o chefe escoteiro como migrante naturalizado brasileiro em 1924, viu-se à margem, excluído. Uma limpeza ética o excluía de práticas que prezava e para as quais dedicou muito tempo de sua vida.

Imagina-se que Würth o qual visualizava uma comunidade imaginada, sob o manto da Juventude Brasileira, tenha fechado o Diário da Tropa Osório e nunca mais o tenha aberto. Restou às autoras um duplo encontro: com o documento e com indícios que lhes permite abrir uma janela para o passado do escotismo no Rio Grande do Sul.

Finalizando este trabalho, deixa-se um poema escrito por Thiago Würth em 1940.

Figura 4 – Carta/Resposta ao Presidente das U.E.B General Heitor Borges, Thiago Würth e a inatividades das atividades escoteiras



Fonte: Arquivo Pessoal Thiago Würth



## Referencias

BRASIL. **Lei nº 342**, de 12 de dezembro de 1936. Institui o escotismo nas escolas primárias e secundárias do país. Brasília: Casa Civil, Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-342-12-dezembro-1936-556952-publicacaooriginal-77174-pl.html>>. Acesso em: 14/02/21.

BRASIL. **Constituição** (1937). Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 10 de novembro de 1937). Brasília: Casa Civil, s.d. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao37.htm)>. Acesso em: 07/02/2021

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.072**, de 08 de março de 1940. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases e, para ministrá-la, organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira. Brasília: Casa Civil Disponível. <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-2072-8-marco-1940-412103-retificacao-70950-pe.html>>. Acesso em: 14/02/21

ESCOTEIRO DO MAR. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Escoteiros do Mar, nº XIX, julho e agosto de 1939, ano IV.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2015.

HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MAZO, J. Z.; LYRA, V. B. *Nos rastros da memória de um “Mestre de Ginástica”*. **Motriz: rev. educ. fis.** (Online) [online]. 2010, v. 16, n. 4. <<https://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n4/a17v16n4.pdf>>.

NASCIMENTO. Adalson de Oliveira. Sempre alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945) <[https://escoteiros.org.br/arquivos/trabalhos\\_academicos/O\\_ME\\_no\\_Brasil\\_e\\_os\\_Projetos\\_Nacionalistas\\_de\\_Educacao\\_InfantoJuvenil.pdf](https://escoteiros.org.br/arquivos/trabalhos_academicos/O_ME_no_Brasil_e_os_Projetos_Nacionalistas_de_Educacao_InfantoJuvenil.pdf)>.

PERAZZO, P. F. Prisioneiros, direitos e Guerra no Brasil de Vargas (1942-1945). **Revista Esboços**, Santa Catarina, UFSC, v. 16, n. 22, p. 41-53, 2008.

SANSON, L. S. R. A Educação em Tempos de Nacionalismo: representações do escotismo durante a Primeira República em Laguna - SC (1917-1930). <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/507-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/507-0.pdf)>.

SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana* v. 3 n. 1. Rio de Janeiro Apr. 1997 Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131997000100004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100004)>. Acesso em 15 fev 2021.

NASCIMENTO, J. C. do. A Escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo do Estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=94NCDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=tropa+de+escoteiros&ots=07\\_zMe4SS5&sig=iv4IoMS0Sqn129Vd7E43t3U6awc#v=onepage&q=tropa%20de%20escoteiros&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=94NCDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=tropa+de+escoteiros&ots=07_zMe4SS5&sig=iv4IoMS0Sqn129Vd7E43t3U6awc#v=onepage&q=tropa%20de%20escoteiros&f=false)>. Acesso em 15 fev 2021.

MAZO, J. Z.; LYRA, V. B. *Nos rastros da memória de um “Mestre de Ginástica”*. **Motriz: rev. educ. fis.** (Online), Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 967-976, Dec. 2010. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-65742010000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000400017&lng=en&nrm=iso)>. Access on 16 Feb. 2021. <<https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p967>>.

QUITZAU, E. A. ASSOCIATIVISMO GINÁSTICO E ESCOTISMO NO RIO GRANDE DO SUL (1913-1934). **Hist. Educ.**, Santa Maria, v. 23, e78376, 2019 Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-34592019000100403&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592019000100403&lng=en&nrm=iso)>. Access on 16 Feb. 2021. Epub Mar 28, 2019. <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/78376>>.